

CRÔNICAS E CRONISTAS: (INTER)SUBJETIVIDADES E EMOTIVIDADE NO JORNAL DOS SPORTS (1950-1958)

André Alexandre Guimarães Couto¹

Resumo: O presente trabalho trata das crônicas produzidas no *Jornal dos Sports (JS)* na década de 1950, procurando analisar as suas principais ideias, representações e idiosincrasias produzidas pelos seus respectivos autores. Cabe ressaltar que apesar de uma editoria centralizada, os cronistas do *JS* tinham uma autonomia considerável em seu processo de criação e redação, principalmente no que diz respeito às suas respectivas narrativas discursivas. Apesar da direção do periódico propor temas pilares como a inserção do clubismo e do denunciamento em suas pautas, cada um dos cronistas adotara um estilo narrativo particular em suas práticas. A partir desta análise, podemos identificar e propor uma classificação entre os principais cronistas analisados, de acordo com suas origens sociais e estilos discursivos.

Palavras chave: Crônicas esportivas; Jornal dos Sports; (Inter)Subjetividades.

Chronicles and chroniclers: (Inter)subjectivities and emotivity in Jornal dos Sports (1950-1958)

Abstract: The present work deals with the chronicles produced in the *Jornal dos Sports (JS)* in the 1950s, trying to analyze their main ideas, representations and idiosyncrasies produced by their respective authors. It should be noted that despite a centralized editor, *JS* chroniclers had considerable autonomy in their writing and writing process, especially with regard to their respective discursive narratives. Although the journal's direction proposes pillars such as the insertion of clubism and denunciation into its guidelines, each of the chroniclers adopts a particular narrative style in their practices. From this analysis, we can identify and propose a classification among the main chroniclers analyzed, according to their social origins and style of writing.

Keywords: Sports Chronicles; Jornal dos Sports; (Inter)Subjectivities.

Crônicas y cronistas: (Inter)subjetividades y emotividad en el Jornal dos Sports (1950-1958)

Resumen: El presente trabajo trata de las crônicas producidas en el *Jornal dos Sports (JS)* en la década de 1950, buscando analizar sus principales ideas, representaciones e idiosincrasias producidas por sus respectivos autores. Cabe resaltar que a pesar de una editorial centralizada, los cronistas del *JS* tenían una autonomía considerable en su proceso de creación y redacción, principalmente en lo que se refiere a sus respectivas narrativas discursivas. A pesar de la dirección del periódico proponer temas pilares como la inserción del clubismo y del denunciamento en sus pautas, cada uno de los cronistas adopta un estilo narrativo particular en sus prácticas. A partir de este análisis, podemos identificar y proponer una clasificación entre los principales cronistas analizados, de acuerdo con sus orígenes sociales y estilo de redacción.

Palabras clave: Crônicas deportivas; Jornal dos Sports; (Inter)Subjetividades.

¹ Professor e Pesquisador do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) e Integrante do SPORT (Laboratório de História do Esporte e do Lazer/UFRJ), do NEPESS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade/UFF) e do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade (UFPR). E-mail: guimaraescouto@yahoo.com.br. Rio de Janeiro, Brasil.

Breve Introdução

O trabalho aqui apresentado versa sobre as crônicas produzidas no *Jornal dos Sports* durante a década de 1950. O periódico carioca, fundado em 1931 pelo jornalista Argemiro Bulcão fora criado para se tornar um diário esportivo e para cobrir as variadas práticas de esporte na cidade do Rio de Janeiro, apesar da predominância do futebol nas pautas do mesmo.²

Apesar de ter sido criado no início da década de 1930, as crônicas esportivas só tiveram destaque no *JS* a partir dos anos 1940, quando o espaço para este gênero híbrido foi aberto e explorado com maior amplitude. Vários motivos podem justificar esta conjuntura como, por exemplo, a ampliação do campo esportivo (em especial, o do futebol), a formação e consolidação das torcidas dos principais clubes, a identificação de uma lógica discursiva que pudesse fugir aos manuais de objetividade que começam a surgir e que alcançam força na década de 1950 e, principalmente, na relação endógena com os programas de rádio (BARBOSA, 2007, p. 150).

Neste último ponto, cabem investigações mais aprofundadas sobre o tema, ou seja, o quanto a cobertura dos esportes pelo rádio no Brasil possibilitou uma procura mais subjetiva e apaixonada pelos cronistas em suas respectivas narrativas discursivas impressas. Desta forma, entendemos que estes autores, que se multiplicavam nas páginas dos jornais ou colunas esportivas a partir da década de 1940, tinham que optar por um discurso mais autoral e próximo dos seus respectivos leitores e torcedores num processo de fidelização da coluna e do próprio jornal em si.

Apesar de faltarem dados mais objetivos para embasar a hipótese supracitada, podemos informar o quanto os anúncios de programas esportivos das emissoras cariocas apareciam nas páginas do *JS*.³ Desta forma, a relação entre rádio e jornal impresso, mais do que possíveis concorrentes dentro do campo da comunicação e do jornalismo, pareciam tecer elos de fortalecimento deste mesmo campo.

A década de 1940 se insere em uma conjuntura de uma sociedade brasileira vivenciada em um momento de Estado autoritário. Desde 1937, o governo de Getúlio Vargas se tornava de fato uma ditadura por conta do golpe do Estado Novo, tornando o país oficialmente um regime ainda mais centralizado, com uma burocracia de controle social mais organizada e espraiada. Desta forma, o *JS*, já sob a direção do jornalista Mário Rodrigues Filho desde 1936, adotava uma postura de muita adesão ao projeto político

² Argemiro Bulcão já tinha tentado promover um jornal esportivo no Rio de Janeiro, ao criar o *Rio Sportivo*, que circulava pela cidade duas vezes por semana. A parceria com o dono da gráfica, Ozéas Mota, onde este jornal era impresso, possibilitou posteriormente a fundação do *Jornal dos Sports*, no início da década de 1930. Infelizmente, não há registros do *Rio Sportivo* para uma análise mais detalhada e profunda, muito menos informações sobre os motivos que levaram ao abandono deste projeto.

³ Apenas para darmos um exemplo, podemos citar o programa “Onda Sportiva” da *Rádio Club do Brasil*. O programa, comandado por Cordeiro, era anunciado como pioneiro nas transmissões esportivas e de que tinha participação de rádio repórteres, tudo diariamente, das 18h30 às 19h (JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 03/01/1940, nº 1287, p. 3).

de Vargas e toda a estrutura de poder no campo da imprensa, propaganda e comunicação.⁴

Se do ponto de vista político há um controle rígido das ideias e das ideologias possíveis de serem debatidas e assimiladas pela população e pelas instituições, o regime de Vargas apelava também pelo recrudescimento da exploração das sensibilidades, sensações e paixões, como prática comum em regimes autoritários e totalitários (ANSART, 1983).

Um olhar específico sobre a imprensa e propaganda no governo Vargas nos possibilita compreender que os sentimentos e as emoções foram utilizados de forma diversa, tendo a compreensão maior por parte do Estado de que a nacionalidade e o personalismo político estratégico seriam objetivos a serem alcançados. De acordo com Maria Helena Capelato,

A intensificação das emoções ocorre através dos meios de comunicação, responsáveis pelo aquecimento das sensibilidades. Mas os sinais emotivos são captados e intensificados também através de outros instrumentos: literatura, teatro, pintura, arquitetura, ritos, festas, comemorações, manifestações cívicas e esportivas. Todos esses elementos podem entrar em múltiplas combinações e provocar resultados diversos (CAPELATO, 1999, p. 168).

Portanto, as crônicas esportivas a partir dos anos 1940 encontraram território fértil para debater questões fundamentais e periféricas do universo esportivo e que dialogavam, por vezes, com a dinâmica social imposta pela ideologia vigente de Estado. Todavia, mesmo em um regime autoritário, a liberdade de criação e imaginação dos cronistas do *JS* se fazia presente, possibilitando diálogos (inter)subjetivos entre os mesmos, realizando críticas pontuais sobre o comportamento das autoridades no que dizia respeito ao campo esportivo. Cabe lembrar, inclusive, que um dos principais e mais longevos cronistas do *JS* no período era Manoel Vargas Neto, nada menos que sobrinho do então presidente da República.⁵ Mesmo respeitado como cronista, não eram poucas as discussões e debates com os seus colegas, seja por conta de um tema esportivo, seja por uma provocação no âmbito político mais geral.

Outra reflexão que podemos fazer a partir da análise deste periódico é o quanto os esportes estavam vinculados ao campo da cultura e das artes no cotidiano da sua cobertura jornalística. Para tanto, podemos dar diversos exemplos em dois tipos de fontes a saber: 1) as propagandas das peças teatrais e dos filmes em cartazes nos cinemas cariocas.⁶ Geralmente

⁴ Mário Rodrigues Filho, mais conhecido como Mário Filho, já atuava na imprensa esportiva nos jornais de sua família, como o *Crítica* e de outras empresas como *O Globo* (da família Marinho). Antes de comprar o *JS*, em 1936, tentara sucesso em um empreendimento no campo do jornalismo esportivo, ao fundar *O Mundo Sportivo*. Todavia, por questões de insuficiência financeira, este periódico teve vida curta no universo do jornalismo carioca.

⁵ Sobre Vargas Netto, discutiremos mais adiante a sua contribuição na equipe de cronistas do *JS*.

⁶ Neste caso, temos por exemplo os cartazes publicados nas páginas do *JS* do filme “Anjos de cara limpa”, protagonizados por Ann Sheridan e Ronald Reagan, e que estava em exibição no cinema Odeon. Nesta mesma edição, outros dois filmes eram divulgados no cinema São Luiz em sessão dupla: “Aladin e a Lâmpada Maravilhosa” (uma animação do

publicadas na página 2, eram frequentes e diárias, sendo os filmes divididos em longa metragens e animações norte-americanas, como as produzidas por Walt Disney. As produções de teatro (grande parte classificadas como comédias) eram divulgadas ora em avisos de textos, ora em cartazes das peças (neste caso, um pouco mais raro).⁷ Por meio de um breve mapeamento destas peças e anúncios publicitários, podemos concluir que havia uma vida cultural influenciada pelo cinema norte-americano e uma concentração de teatros e cinemas na área central da cidade do Rio de Janeiro. 2) As colunas de cunho cultural, que eram publicadas também na segunda página, surgiram a partir dos temas cinema e teatro, abrindo caminho para o surgimento na década de 1950 de outros espaços para a discussão da literatura e da música, por exemplos.⁸ Portanto, a relação entre esportes e cultura se dava não apenas pela propaganda do entretenimento carioca no campo cultural, mas também pela discussão, análise e informação sobre os principais espetáculos exibidos. Não se nota, todavia, um debate mais profundo sobre arte e cultura na cidade, seus espaços e muito menos as políticas públicas voltadas para estas áreas. No campo esportivo, era bem diferente, tendo em vista que muitos dos cronistas discutiam (inclusive com interlocução e diálogo com os próprios leitores, além de seus pares) sobre a importância dos espaços esportivos e das práticas corporais para o bem estar físico e social da população do Rio de Janeiro.⁹

Por fim, e não menos importante, podemos pensar que a linha editorial do *JS*, apesar de toda a autonomia de seus cronistas, priorizava duas questões centrais, dentre outras: o clubismo e o denunciamento. Sobre o primeiro, já adiantamos a reflexão no parágrafo anterior, quando o clube, seja o de elite, seja o do subúrbio, ou ainda do interior do estado era defendido de forma frequente e periódica como o local não apenas de promoção e desenvolvimento das práticas esportivas e das competições (algumas bem importantes e cobertas com mais destaque pela imprensa esportiva e geral), mas também o espaço privilegiado das interações sociais como as festas, desfiles de beleza e de moda e eventos diversos e culturais. O

personagem Popeye) e o longa metragem “Um golpe errado” com Martha Raye e Bob Hope. (JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 04/01/1940, n° 1288, p. 2).

⁷ Como exemplos, temos as peças teatrais “Comendo às Claras” de Paulo Orlando e Walter Pinto, exibidas no Teatro Carlos Gomes e “Serão Homens Amanhã” de Procópio Ferreira, no Teatro Regina. (JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 21/11/1943, n° 4379, p. 2).

⁸ A coluna de teatro chamava-se “Teatros” e era assinada por um colunista chamado de “Jota Efegê”. A denominada “Cinemas” não era assinada até a década de 1950, quando o cronista Antonio Olinto assumira a coluna.

⁹ Na década de 1950 vários cronistas identificavam nos clubes o lócus apropriado para a educação esportiva e para a integração social dos moradores de determinados bairros da cidade do Rio de Janeiro. Podemos citar, por exemplo, uma crônica de João Machado sobre o valor dos clubes de subúrbio ao citar o Grêmio Esportivo Vital. De acordo com o documento enviado ao cronista pelos responsáveis pelo clube que surgira no bairro de Quintino Bocaiuva, “(...) foi idealizado por um grupo de garotos com o objetivo de educar social e esportivamente a rapaziada do local, bem como os adultos interessados na concretização de um ponto onde (...) sua famílias pudessem, após as labutas diárias, recrear o espírito em ambiente sadio e eminentemente familiar. (...)”. Ver em: MACHADO, João. Grêmio Esportivo Vital. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.893, 13 de fevereiro de 1952. P. 5. Coluna Às quintas-feiras.

clube proporcionaria o encontro do lazer comunitário e social com as reais possibilidades de aperfeiçoamento da disciplina do corpo.

Um dos cronistas que mais explorou este ponto de vista foi Vargas Netto, principalmente por adotar em seu discurso a experiência adquirida como dirigente de entidades esportivas como a FMF (Federação Metropolitana de Futebol), o CND (Conselho Nacional de Desportos) e o COB (Comitê Olímpico Brasileiro) (HOLLANDA, 2012A, p. 95). Ou seja, o estilo narrativo de Vargas Netto adotava uma linha conservadora das práticas esportivas e corporais, com um tom disciplinador e por vezes, eugênico. Em uma crônica sobre o Minas Tênis Clube, o autor escrevia sobre as instalações e ambientes do clube, sempre com muita admiração e, também, não ficara de fora de sua análise um olhar sobre seus frequentadores: “(...) o que mais me impressiona é o volume da frequência, o entusiasmo daquela juventude cheia de vida e idealismo, toda entregue às sadias atividades dos desportos.” (VARGAS NETTO, 09/03/1952, p.5). O tom eugênico, presente no discurso deste autor fica bem evidente quando este escreve que “(...) Já se pode notar o tipo mineiro de amanhã, desenvolto, robusto, alegre, equilíbrio de elasticidade física e confiança em si mesmo” (VARGAS NETTO, 09/03/1952, p.5).

Apesar de tratar de um clube de elite de Belo Horizonte, o exemplo acima poderia ser comparado com dezenas de outros textos deste e de outros cronistas sobre clubes menores, de comunidades mais pobres, dos subúrbios, do interior, da esquina de qualquer bairro periférico, seja no Rio de Janeiro, seja em outros lugares do Brasil. Cabe ressaltar que a visão disciplinar não cabia apenas aos clubes, considerados núcleos privilegiados e específicos de lazer e interação social, mas também a associações e agremiações esportivas, como as ligas e federações oficiais.

Outro lado importante dentro do espírito clubístico do *JS* era o clube como representação da paixão identitária. Ou seja, ainda visto com um espaço físico, mas principalmente emotivo e passional por conta dos torcedores e aficionados por determinados esportes, e principalmente com o futebol. Neste aspecto, desde o surgimento deste jornal, é possível identificar os espaços de atenção aos principais clubes da cidade do Rio de Janeiro, que tinham colunas específicas sobre as atividades esportivas e sociais dos clubes de futebol. Como exemplos, podemos observar a existência do “Diário do Flamengo”, “Carnet do Fluminense”, “Vasco em Dia” e “Calendário do Botafogo” (COUTO, 2011, p. 129-130).¹⁰

As paixões e emoções pelos clubes se espalhavam não apenas nas “colunas sociais” destas agremiações, mas principalmente pelas crônicas dos principais autores do jornal, além da cobertura diária dos jogos e treinamentos nas reportagens, entrevistas, fotografias e charges. Enfim, um combustível para afeição dos leitores/torcedores por notícias e informações dos seus “clubes de coração” e afeto, e, ainda de histórias contadas pelos cronistas que, com criatividade e imaginação e com altas doses de

¹⁰ Além destes principais clubes, o *JS* também cobria, por meio de colunas específicas, os clubes de menor porte e torcida. Dentre estes, podemos citar: “Voz do Madureira”, “O Dia do Bonsucesso” (de Isaac Cherman), “O América em Revista” (Luiz Bayer) e “O Que vai pelo São Cristovão” (de Petrônio Rocha) (COUTO, 2011, p. 129-130).

subjetividade, estimulavam a fidelização do jornal, em um momento onde o rádio tinha ampla difusão, inclusive com seus programas esportivos.

Um fator importante para pensarmos este processo de fidelização da imprensa esportiva com o interesse do torcedor passa também em paralelo pela própria organização das torcidas organizadas, estimulando ainda mais uma tendência pelo aumento da passionalidade pelo futebol. Como uma clara estratégia de marketing, o *JS* revivia em 1951 uma ação dos anos 1930 com o “Duelo de Torcidas”, que propunha uma competição de cores, cânticos e formas de acompanhar os clubes do Fluminense e do Flamengo nos jogos entre eles pelo campeonato carioca (HOLLANDA, 2012B, p. 86-99).

Desta forma, o clubismo seja pelo seu caráter disciplinador e de controle social, seja pelo viés das paixões e emoções proporcionadas por um conjunto fértil criado e incentivado pela imprensa esportiva (crônicas, programas de rádio, campanhas e formação das torcidas dos grandes clubes, demais conteúdos do jornal) era bem representado pelos autores que atuavam no *JS* como, por exemplo, José Lins do Rego e Álvaro do Nascimento (“Zé de São Januário”). Enquanto o primeiro tinha no Flamengo um dos seus principais temas de interesse para suas crônicas, deixando clara a sua paixão por este clube, Nascimento era mais crítico, mas ainda assim “defensor” do Vasco da Gama e de clubes portugueses que eventualmente visitavam o Brasil em excursões para participar de competições e jogos amistosos. Não por acaso, em muitas das vezes este e outros autores dialogavam e emitiam discursos intersubjetivos por meio de seus textos, tendo a provocação e a ironia como nortes de suas propostas narrativas (COUTO, 2016, p. 162-165).¹¹

Como dissemos anteriormente, além do clubismo, com as suas possíveis vertentes, temos outra diretiva importante do periódico em questão: a prática do denunciismo. Ou seja, por meio da linha editorial havia um entendimento de que um dos principais propósitos do *JS* era a possibilidade de denunciar as ações dos dirigentes esportivos e do meio político diante do que deveria ser a maneira correta de vivenciar e organizar o campo esportivo e, até mesmo, a prática do jornalismo esportivo.

Com uma visão vigilante destes universos – do esporte e da comunicação – os cronistas, cada um em sua maneira, adotavam um discurso corretivo e disciplinador. Desta forma, vários exemplos poderiam ser oferecidos para compreendermos esta estratégia editorial, seja por meio do questionamento das intenções dos dirigentes dos clubes e das associações esportivas, seja pelas autoridades governamentais que, segundo os autores, não direcionavam políticas públicas suficientes e eficazes para o atendimento à sociedade. Podemos apontar a crônica de Inah de Moraes sobre as novas regras impostas pela Comissão de Corridas do Jockey Club de São Paulo, ao exigir dos proprietários de cavalos que os mesmos utilizassem animais jovens e premiados para utilização das instalações deste espaço esportivo.¹² De acordo com a cronista, então proprietária de haras:

¹¹ Como estratégia destes diálogos, podemos citar a crônica de Álvaro do Nascimento (“Zé de São Januário”) quando este autor provocou Lins do Rego, por conta de uma derrota do Flamengo diante do São Paulo por 4 a 1 (NASCIMENTO, 6/08/1952, p. 4).

¹² Como veremos adiante, Inah de Moraes era uma das raras cronistas mulheres e escrevia sobre o turfe, por meio da coluna “Rondó dos Cavalões”, em clara alusão ao poema do

“(...) Consideremos a medida. Ela é, sem a menor dúvida, arbitrária e ilegal. Uma C. C. ou uma diretoria inteira do Jockey Club não pode prejudicar os proprietários proibindo-os de fazer correr os seus animais sob o pretexto de que o Jockey Clube não tem onde alojá-los, (...)” (MORAES, 27/06/1951, p. 9).

Em outras ocasiões, cronistas exigiam da Prefeitura do Rio de Janeiro a organização e criação dos espaços públicos voltados para os esportes e para o lazer. Portanto, a relação com o poder público poderia gerar elogios, quando da convergência de interesses ou severas críticas pela ineficiência ou descaso com a sociedade, mesmo que parte dela.¹³

Clubismo e denunciismo eram direções editoriais deste jornal/empresa, mas que não deslocavam o caráter autônomo dos cronistas em seus respectivos estilos narrativos, muito pelo contrário, pois utilizavam estas estratégias como oportunidades de desenvolver suas (inter)subjetividades enquanto autores e criadores de histórias criativas.

Todavia, podemos em um exercício de aproximar estes discursos, propor uma classificação dos cronistas que atuavam no *JS* na década de 1950. Como em qualquer taxonomia, admitimos os limites da mesma, pois não há a pretensão de torná-la uma separação determinista, mas sim refletir sobre a consolidação de um campo híbrido, entre a literatura e o jornalismo. Um espaço que aumentava a disputa pelo reconhecimento dos leitores na mesma medida em que valorizava o diálogo não apenas com o público, mas também entre eles mesmos. Vamos a ela, então.

Cronistas do JS: Uma proposta de classificação

A década de 1950 proporcionou um aumento significativo das oportunidades de organização dos espetáculos esportivos. A cidade do Rio de Janeiro, com a Copa do Mundo, vislumbrou um momento de euforia por conta da construção do Estádio Municipal (o Maracanã) e aumentou ainda mais o interesse pelo futebol, mesmo com a derrota na final daquele

escritor e seu amigo pessoal, Manuel Bandeira: “Rondó dos Cavalinhos”. Era proprietária de haras em uma rica região do Rio de Janeiro, em Itaipava, na região serrana.

¹³ Álvaro do Nascimento (“Zé de São Januário”) elogiava o Prefeito João Carlos Vital ao escrever que “Só pode merecer elogios o Prefeito João Carlos Vital se levar à frente a construção da raia Olímpica e a doação dos terrenos aos tradicionais clubes de Santa Luzia – Natação, Internacional, Boqueirão do Passeio e Vasco da Gama. (...) Os esportes amadoristas, aqueles que não produzem rendas e são praticados por diletantismo, estão abandonados. O remo, por exemplo, tão necessário à formação de uma reserva naval, está na última lona, às vésperas da falência.” (NASCIMENTO, 3/08/1952, p. 10). Desta forma, o autor, bastante crítico em seu estilo narrativo, conseguia elogiar, mas pressionando o poder público por causa do abandono dos espaços esportivos. Em outra crônica, João Machado criticava o desordenamento urbano e o avanço de moradias populares: “(...) É chegado o momento, portanto, de impedir que a cidade continue a crescer desordenadamente em superfície, ou, pelo menos, que se proíba a abertura de ruas de menos de vinte metros de largura, exigindo-se, a existência de praças ajardinadas no centro de cada área, loteada e, o que é muito mais importante para os desportistas, reservando-se sempre o espaço necessário para a instalação de campos de desportos que compensariam o desaparecimento de mais de trinta pequenos clubes amadoristas, de cujas praças de desportos foram criminosamente arrancados, perdendo anos de trabalho e sacrifício, sem qualquer espécie de indenização, ante a incompreensível indiferença dos poderes públicos. (...)” (MACHADO, 28/06/1951, p. 5).

campeonato (MOURA, 1998). Competições como a Copa Rio e o Duelo de Torcidas (promovido pelo próprio *JS*) ampliaram as possibilidades de cobertura e criação de histórias pelos jornalistas e cronistas.¹⁴

O momento era oportuno para a construção e divulgação de uma representação de país moderno e desenvolvido. O Brasil vivia um período de elaboração de políticas econômicas desenvolvimentistas, promovidas pelo governo federal, num projeto de conformação do capitalismo brasileiro (MELLO, 2007).

No âmbito da imprensa, a década de 1950 pode ser compreendida como uma conjuntura onde os jornais visavam a objetividade, neutralidade e imparcialidade em suas pautas e matérias. Esta “onda objetiva” se traduzia no investimento em textos menos opinativos e mais informativos. Manuais de redação já poderiam ser vistos como parâmetros orientadores nos escritórios dos periódicos nas grandes cidades brasileiras. Desta forma, vemos nas crônicas um posicionamento contrário a este novo modelo de notícias e de textos jornalísticos, ao privilegiar a subjetividade e a exploração das paixões, dos sentimentos e afetos. Neste ponto, a crônica esportiva vivia um momento áureo para sua promoção, tendo em vista as possibilidades e intenções espalhadas pelo universo esportista: uma vertente moderna de produzir notícias, a de aliar narrativa literária e ficcional com o relato atento dos fatos, possibilitando a criação de uma verdade mediada (COUTO, 2016, p. 20).

Desta forma, encontramos um conjunto de cronistas no *JS* que buscavam criar representações diversas sobre os esportes, gerando discussões caras como o comportamento e o papel das torcidas, o clube como núcleo da saúde e do lazer da sociedade, as paixões pelos grandes clubes cariocas e o debate em torno da representação de nação por meio da participação de atletas, seleções e clubes em eventos internacionais, dentre tantos outros temas possíveis de serem explorados por estes narradores/autores.¹⁵

1. Os literatos e eruditos

Neste enquadramento específico, podemos citar três principais autores: Manoel Vargas Netto, José Lins do Rego e Antonio Olinto. O que os aproximava é o fato de terem origem na literatura e na vida cultural, além de terem atuando em cargos políticos no dirigismo esportivo carioca e brasileiro. Vargas Netto era sobrinho de Getúlio Vargas e filho do Ministro Viriato Dorneles Vargas. Publicara na década de 1920 vários livros de poesia regionalista gaúcha e tinha formação na área do Direito. Atuou como magistrado, procurador e deputado federal (COUTO, 2016, p. 156-157). No âmbito da política esportiva, Vargas Netto foi presidente durante quase dez

¹⁴ Cabe lembrar que a Copa Rio foi um torneio internacional realizado no Brasil e que contava com a participação de clubes da América do Sul e da Europa. O torneio, que tinha pretensões de ser um campeonato mundial de clubes, foi realizado em 1951 e 1952, sendo vencido, respectivamente, por Palmeiras e Fluminense.

¹⁵ Apesar de termos muitos cronistas atuando no *JS* na década de 1950, selecionamos aqueles que consideramos os mais importantes, seja pelo critério dos espaços privilegiados que tinham no jornal e na longevidade de suas colunas ao longo deste período.

anos da Federação Metropolitana de Futebol (FMF), além de membro efetivo do Conselho Nacional de Desportos (CND) e vice-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) por oito anos (HOLLANDA, 2012B, p. 95).

Vargas Netto era um cronista que explorava bastante a visão lúdica de esporte e utilizava as palavras mais elegantes em seus textos, tentando manter sua postura de erudito e homem das letras ao mesmo tempo em que versava sobre temas esportivos com um tom disciplinador e regulador do comportamento social, seja dos atletas, dos times, do clube e da própria torcida, quando não da sociedade brasileira como um todo. A partir da experiência na literatura regionalista, abusava da ideia de exaltação do herói e da rememoração do passado. Apesar de ser torcedor do Botafogo, era mais reconhecido como tal por seus pares do que por suas crônicas. Ainda assim, era um dos autores que mais valorizavam o clubismo, enquanto vertente da organização das práticas e modalidades esportivas e do controle social. Vargas Netto também se identificava com a valorização da nacionalidade brasileira e em várias ocasiões e períodos (ou seja, na Era Vargas e nos anos 1950) revelava sua defesa em torno da cordialidade do povo brasileiro, como podemos observar logo abaixo:

Elegância e Entusiasmo

Uma das acusações que lançaram contra o Brasil foi a de falta de educação desportiva de sua torcida.

Houve alguns falsos amigos, que espalharam inverdades, acusações sem fundamento, procurando criar uma situação de desconfiança, de mal-estar para as nossas instituições desportivas e para os próximos visitantes. E não se diga que a veiculação tendenciosa, de mal intencionados, para essas acusações de má fé, não haja produzido nenhum eco nos países europeus! Produziu, sim! A prova disso está nas perguntas que me faziam. A todo momento, de modo disfarçado, lá vinha a clássica pergunta: de como a torcida brasileira tratava os visitantes... Perguntavam se os jogadores estrangeiros ficariam a vontade sem constrangimento, para atuar perante o nosso público.

Respondia-lhes que o povo brasileiro era muito cordial e cavalheiresco, imparcial mesmo diante das grandes jogadas, que costumavam aplaudir. Dizia-lhes que a nossa torcida era bem humorada e possuía espírito desportivo (...) (VARGAS NETTO, 24/06/1950, p. 9).

A crônica fora produzida no contexto da Copa do Mundo da FIFA em 1950, numa resposta clara aos jornalistas argentinos que teriam dado declarações contra a torcida e o povo brasileiro. O autor também enfatizava a importância do evento esportivo como retrato de uma sociedade que buscava ser moderna e empreendedora, não abrindo mão da “imparcialidade” e da “disciplina” dos aficionados pelo futebol.

Outro cronista importante no *JS* e oriundo do universo literário era José Lins do Rego; porém sua atuação neste periódico era pautada por duas características bem pontuais: uma de forma, com textos muito sucintos e pontuais, mesclando ironia e ludicidade com anotações bem objetivas; outra de conteúdo, com textos marcados pela paixão e emoção das partidas de

futebol ou ainda de seus bastidores. Levava sua torcida pelo Flamengo aos limites da informalidade textual ao comemorar as vitórias e lamentar as derrotas de seu time de predileção, tendo ainda criado vários interdiálogos com os demais cronistas.¹⁶

O título de sua coluna era “Esporte e vida”, informando aos seus leitores a relação intrínseca do esporte com o cotidiano urbano. Assim como Vargas Netto, Zé Lins tinha iniciado as suas atividades na década anterior. Oriundo de família abastada no nordeste, se formou em Direito em Recife e trabalhara com Gilberto Freyre em um periódico denominado *Jornal de Recife*.¹⁷ Atuou ainda como promotor público em Manhuaçu (1925), fiscal de bancos (1926-1930) e fiscal de consumo (1931-1935), ambos em Maceió. Na capital de Alagoas, colaborou com o *Jornal de Alagoas*, conhecendo e se comunicando com nomes importantes da literatura nacional como Graciliano Ramos, Aurélio Buarque de Hollanda e Rachel de Queiróz, dentre outros (COUTO, 2016, p. 161).

No Rio de Janeiro atuara em *O Globo* e de lá, ao trabalhar com Mário Filho, fora convidado em 1945 para trabalhar no *JS*. Outra semelhança com Vargas Netto era o fato de ter assumido vários cargos do dirigismo esportivo, como, por exemplo, ter participado dos quadros funcionais do CND (Conselho Nacional dos Desportos) e da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), chegando a presidi-la de forma interina (COUTINHO, 1995). Neste cargo, foi chefe da delegação da seleção brasileira de futebol em alguns campeonatos e torneios internacionais (HOLLANDA, 2012B, p. 93-94).

Da literatura, trouxe para o cronismo esportivo a exploração dos estados psicológicos de seus personagens. No *JS*, ele mesmo se tornara um elemento quase fictício ao incorporar um agente de defesa do patriotismo e da nação brasileira, mas, principalmente, do seu clube de coração (o Flamengo). Utilizava uma linguagem bem simples, direta e objetiva, com o fim de alcançar rapidamente o entendimento daqueles que o liam. Sua paixão se tornava um elo entre o autor e seus leitores/torcedores, mesmo aqueles que eram aficionados pelos times adversários.

Em várias oportunidades era provocado pelos seus colegas cronistas do *JS*, em especial em derrotas do time rubro negro, mas demonstrava mesmo toda a sua irritação quando partia de outros profissionais de periódicos rivais, principalmente quando as questões de classe e raça entravam em debate. Numa crônica sobre a excursão do Flamengo ao continente europeu, o autor exasperava contra um colega: “(...) Os que nada têm para dar, os que são pobres de coração, não podem fazer mais do que sabem. Pois bem, os que nos trataram assim, com tamanha mesquinhez, não podem nos dar conselho de espécie alguma. Fiquem com os seus conselhos e os ponham aonde devem pô-los” (REGO, 28/07/1951, p. 5). Tornava-se um defensor das causas do esporte e da torcida, dando atenção maior às suas paixões particulares. Se tornou um dos mais longevos cronistas do *JS*, e trabalhou até o seu falecimento em 1957.

¹⁶ Como já mencionamos, neste aspecto, um de seus maiores “debatedores” nas páginas do *JS* era o vascaíno Álvaro do Nascimento (“Zé de São Januário”).

¹⁷ Zé Lins, inclusive teria apresentado Gilberto Freyre a Mário Filho (HOLLANDA, 2012B, p. 94).

Para encerrarmos a trinca de cronistas deste primeiro bloco, analisamos também os textos de Antonio Olinto, mineiro de Ubá e que tinha formação em Teologia e Filosofia. Sua produção literária iniciara no final da década de 1940, mas se tornou mais (re)conhecido no meio cultural por ser crítico de cinema e de literatura. Também, assim como os autores estudados aqui anteriormente, assumira cargos públicos como, por exemplo, o de Diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Viação e Obras Públicas, durante o Governo Café Filho (1954), logo após o suicídio de Getúlio Vargas.¹⁸ Posteriormente, no início da década de 1960, assumiria cargos diplomáticos de adido cultural na Nigéria e na Inglaterra.¹⁹

Seus textos literários (romance e poesia) eram publicados pela Livraria José Olympio Editora, uma empresa que se constituía como um espaço cultural importante não apenas no mercado editorial brasileiro, mas como local de agregar vários intelectuais e literatos como José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Manoel Vargas Netto, Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, dentre tantos outros. As décadas de 1940 e 1950 foram uma conjuntura propícia para o desenvolvimento editorial, em especial as localizadas nos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. A José Olympio, por exemplo, chegou a publicar dois mil títulos em cinco mil edições (HALLEWELL, 2005).

Assim como Zé Lins, Olinto trabalhara em *O Globo*, com a coluna “Porta de Livraria” e foi para o *JS* a convite de Mário Filho. Neste jornal, o autor iniciaria sua participação no cronismo esportivo com a cobertura da Copa do Mundo de 1950 e, por vezes, em algum outro evento ou assunto ligado aos esportes, mas assinara mesmo uma coluna de crítica sobre o cinema. Esta é mais uma oportunidade para refletirmos nas inter-relações entre esporte e cultura promovidas pelo *JS*, interagindo com a ampliação das ofertas de bens culturais que a sociedade da década de 1950 atingia. Cinema, teatro, música e literatura eram elementos integrantes e fortes na apresentação do jornal aos seus respectivos leitores. Olinto era um elemento desta sinergia entre os campos: o cultural e o esportivo.

De acordo com próprio Olinto: “(...) A crítica leviana contenta-se com a notícia de gosto mais ou menos popular, com muitos adjetivos e pouca opinião. A intransigente insiste em que todo filme seja uma obra de arte, (...)” (OLINTO, 26/08/1952, p. 2). Buscava, então, criar uma representação de equilíbrio para os seus leitores e para os colegas de jornal. Na cobertura esportiva adotara um discurso bem subjetivo, explorando personagens fictícios e eivados de idiosincrasias do universo literário e cultural.²⁰ Seu

¹⁸ Informação disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/antonio-olinto/biografia>>. Acesso em: 16/06/2016. Neste *site* da Academia Brasileira de Letras, podemos conhecer uma breve biografia de Olinto, tendo em vista que era integrante da ABL, desde 1997.

¹⁹ No país africano teve contato com uma cultura que marcaria o resto de sua vida, pois ao retornar ao Brasil realizou e promoveu ações múltiplas na área da cultura africana como, por exemplo, exposições, romances, palestras e eventos (COUTO, 2016, p. 166).

²⁰ Um dos mais claros exemplos que corrobora com nossa análise pode ser visto na crônica “Obra-prima de um povo”. Neste texto o autor exagera no ufanismo e utiliza para tanto elementos da literatura universal como “D. Quixote de La Mancha” e representações da nacionalidade brasileira, como o samba, a alegria, a inventividade e o improvisado (OLINTO, 14/07/1950, p. 5).

estilo narrativo era bem elegante e também, como os demais, valorizava as representações de identidade da nação e do povo brasileiros.

Enfim, esta trinca de autores, mesmo com suas peculiaridades e particularidades narrativas, formava um grupo seletivo de autores oriundos e atuantes no meio cultural, jornalístico e político, como pudemos brevemente observar. Todavia, dividiam espaços com outros autores que vinham exclusivamente do universo da imprensa.

2. Os jornalistas de plantão

Este segundo grupo de cronistas era formado por jornalistas que já atuavam no *JS* desde a gestão anterior, a de Argemiro Bulcão (1931-1936). A exceção é Mário Júlio Rodrigues, filho de Mário Filho que só atuaria neste jornal a partir da gestão de seu pai. O que chama nossa atenção para este grupo é o fato de que não tinham formação literária e muitos atuavam em outros cargos administrativos no próprio periódico, como editor, redator, diretor de publicidade, secretário e correspondente internacional.

Desta forma, analisamos os textos de Geraldo Romualdo da Silva, Everardo Lopes e Mário Júlio Rodrigues. Suas narrativas designam para nós um modelo de crônica muito próximo da reportagem, mas ainda assim com características próprias como a leitura pessoal e subjetiva do fato, a construção de um estilo discurso particular e o uso de uma linguagem mais próxima do leitor.

Geraldo Romualdo da Silva era um dos jornalistas mais próximos de Mário Filho, dono e editor do *JS*. Era responsável por textos bem opinativos ao mesmo tempo em que articulava a tarefa de noticiar um evento ou acontecimento esportivo. Era mais um integrante oriundo do jornal *O Globo*, além da *Rádio Globo*, demonstrando a atuação e articulação de um mesmo profissional em vários veículos e meios de comunicação. Como praticamente todos os demais autores do *JS*, defendia uma linha clubística e não se esquivava de esconder seu clube de coração – o Botafogo.²¹ No plano internacional, cobriu vários eventos como Jogos Olímpicos e Copas do Mundo FIFA e adotara um discurso bem liberal nas suas análises tendo como referência a proximidade cultural com os Estados Unidos e uma aversão ao esporte e equipes que viessem do bloco soviético.²²

Outro integrante, Everardo Lopes, também já era um veterano no *JS* e durante a Copa do Mundo de 1950 atuou como comentarista na *Rádio Mayrink Veiga*, demonstrando mais uma vez as relações bem próximas dos profissionais que atuavam no *JS* e nas rádios da cidade do Rio de Janeiro (HEIZER, 1997, p. 82). Sua participação no jornal era marcada de forma

²¹ O próprio jornalista, em uma entrevista, informaria posteriormente que “(...) - Todo mundo sabia que eu era botafoguense, nunca escondi. Então, quando me designavam para cobrir o Fluminense, as pessoas me recebiam nas Laranjeiras como um espião. E se, no dia seguinte, me escalavam para trabalhar no Botafogo, era encarado como um traidor. Quer dizer, nunca conseguia ficar bem nem com Deus nem com o Diabo.” (VAZ, 1º/10/1982)

²² Para tanto, conferir a crônica sobre a participação dos países comunistas nos Jogos Olímpicos de 1952 em Helsinque. Apesar de neste mesmo texto fazer uma análise crítica sobre o racismo nos Estados Unidos, tema raro no *JS*, a crítica maior e mais dura era certamente contra a União Soviética, inclusive comparando com a “liberdade” existente nos países ocidentais (SILVA, 17/07/1952, p. 5).

mais lírica do que seu colega Geraldo, e conseguia mesclar um posicionamento mais objetivo do ponto de vista das informações mais técnicas de uma partida do campeonato carioca de futebol com a criatividade e subjetividade na exposição e exploração de personagens fictícios.²³

Mário Júlio Rodrigues, membro do clã Rodrigues, atuara no *JS* como responsável pela coluna “Carnet do Fluminense”, um espaço para informações esportivas e sociais deste clube (do qual o jornalista era torcedor) e nos anos 1950 avançara na direção do cronismo esportivo, demonstrando um esforço de construção de textos mais subjetivos e líricos, sob influência dos demais cronistas do jornal.

Tinha uma relação bem conflituosa com o seu pai, e sua vida pessoal era marcada por problemas graves de alcoolismo.²⁴ Sua participação mais importante como cronista esportivo na década de 1950 foi durante as Copas do Mundo FIFA na Suíça em 1954 e na Suécia em 1958, quando tentara criar um estilo narrativo próprio e se firmar como um dos principais autores do jornal. A concorrência para tanto era deveras pesada devido à existência de cronistas mais experientes, sem falar na pressão de ser filho do proprietário e diretor do *JS*.

Tentara mediar uma colocação entre o subjetivismo dos autores literatos e a atitude polêmica de outros cronistas como Zé de São Januário. Em uma crônica sobre a participação da seleção brasileira na Copa do Mundo FIFA da Suécia, procurava rivalizar com os profissionais do rádio, numa crítica ao próprio veículo, conforme podemos observar logo abaixo:

A grande dúvida

Vencemos e vencemos bem. Mas, pelo jeito ou a julgar por várias e sensacionais descobertas de alguns senhores speakers e comentaristas não jogamos níquel de tostão furado. A Áustria, sim: a Áustria foi um colosso. Então o tal de Halla! E o Buzek? Que perigo o Buzek!

E nós, pobres coitados, mal passávamos do meio de campo:

- A valsa supera o samba! berrava sadicamente, de minuto a minuto, um impune cavalheiro de microfone colado a boca.

Os ouvintes? Os ouvintes dispostíssimos a entoarem o Ouviram do Ipiranga ao primeiro vestígio de goal?

Na era da televisão, do avião a jato e dos foguetes, recuamos no tempo, voltáramos a trinta e oito, dependíamos do rádio, exclusivamente do rádio, E o cavalheiro speaker, decididamente certo de seu poder absoluto, abusava, não fazia por menos:

²³ Como numa crônica em que associava o América ao Papai Noel. (LOPES, 24/12/1952, p. 5).

²⁴ De acordo com o escritor Ruy Castro, biógrafo de outro integrante da família – Nelson Rodrigues, “(...) Quando começou, Mário Júlio, era apenas um bebedor clássico: altos porres, sentimentos de culpa e novos porres. Mas aos poucos tornou-se um bebedor trágico, porque consciente de sua condição: depois de incontáveis passagens por clínicas de recuperação, podia dar palestras sobre alcoolismo. Só não conseguia parar de beber. Casou-se com Dalila, teve um filho – Mário Neto – em 1947, mas não adiantou. Mantinha uma relação adversária com seu pai e com todos os tios, exceto Paulinho, quase da sua geração. Era como se não quisesse ser um Rodrigues – o que ele era, por dentro e por fora, inclusive na admiração por Dostoiévski, que relia completo todo ano (CASTRO, 1998, p. 347-348).

- Outra sensacional defesa de Gilmar!

Insistente, dramático:

- Não foi, fulano?

E o fulano compenetradíssimo:

- Até agora ainda não sei como esta bola não entrou!

(...) A tensão crescia, o assassinato, a sangue frio de cinquenta e tantos milhões de brasileiros estava a ponto de consumir-se. E bem que o speaker espumava, caprichando na matança inominável:

- Agora o placard dos outros jogos, senhores ouvintes!

E o fulano contentíssimo:

- A Argentina já vence a Alemanha; o Paraguai a França!

Parou aí, mas juro que pensou mais:

- Somos a vergonha das três Américas!

(...) A crônica poderia terminar aqui. E terminaria fatalmente, se não tivesse uma perguntinha a fazer:

- Será que vencemos mesmo o jogo? (RODRIGUES, 10/06/1958, p. 5)

Como cronista, destacava a passionalidade excessiva dos radialistas ao mesmo tempo em que adotava uma postura eufórica diante das “verdadeiras possibilidades” da seleção brasileira no campeonato mundial. Paixões e emoções no futebol que também eram bem exploradas pelo cronismo esportivo do jornal em que atuava e que, pelo menos neste texto, era um elemento de crítica da “modernidade subjetiva” da imprensa.

Já que citamos uma polêmica criada por Mário Júlio, podemos apresentar os dois integrantes mais importantes desta linha discursiva no *JS*.

3. Os jornalistas polemistas

Um dos mais importantes cronistas do *JS* era Zé de Januário, pseudônimo de Álvaro do Nascimento Rodrigues, que apesar do sobrenome não era integrante do clã proprietário do jornal. Assim como Geraldo Romualdo da Silva e Everardo Lopes, também atuara em outras funções na empresa, como redator-gerente e assinara duas colunas fixas. Uma era um observatório sobre as ações esportivas e sociais do Vasco da Gama (“O Vasco em Dia”) e a outra, a de maior destaque, era “Uma Pedrinha na Shooteira” e como o próprio nome já anunciava, era um espaço de grandes debates inter(subjetivos) com diversos protagonistas como os demais cronistas do jornal, autoridades e instituições esportivas, dirigentes políticos, cambistas e muitos outros personagens desta leitura urbana e esportiva.

Não poupava esforços pela defesa do clube vascaíno e da lusofonia esportiva, quando da excursão de clubes portugueses pelo Brasil.²⁵ Mas, sua principal característica era mesmo a criação de polêmicas, tendo um discurso bem ácido e provocativo. Dentre os cronistas do *JS*, era o que mais

²⁵ Quando, por exemplo, da presença do Sporting na Copa Rio, torneio internacional disputado em 1952.

adotara a narrativa denunciadora, tentando interferir no campo esportivo e na prática jornalística.

A coluna se tornou tão famosa no jornal que em 1952 ganhara espaço também no rádio, mantendo o nome e verve jocosa do seu autor na *Rádio Clube do Brasil*. Uma aproximação entre os veículos impresso e radiofônico no campo da imprensa esportiva, que se auto alimentavam por meio da atuação dos mesmos profissionais e de quanto um interferia na produção e desenvolvimento do outro. É de se destacar que novas pesquisas e trabalhos sobre a imprensa esportiva neste e em demais períodos históricos necessitavam de aprofundamento na investigação desta respectiva relação.

Sobre os diálogos com os demais colegas de jornal, a provocação, uma das marcas maiores deste autor, pode ser visualizada em crônicas sobre o campeonato carioca e as pretensões dos principais clubes do Rio de Janeiro, ou ainda sobre a participação dos atletas brasileiros em grandes competições internacionais, como os Jogos Olímpicos. Tinha ainda em seu rol de temas polêmicos, a defesa dos esportes amadores, principalmente em comparação ao destaque excessivo que o futebol tinha na imprensa. O mais interessante é que o *JS* se comportava exatamente desta forma, apesar de informar que era um veículo de cobertura poliesportiva (COUTO, 2011).²⁶

Outro autor semelhante no viés da criação de textos polêmicos era Thomaz Mazzoni, também conhecido como Olympicus (seu pseudônimo). Sua base de atuação era a capital paulista, já que atuava em *A Gazeta Esportiva*, uma publicação surgida a partir do sucesso da cobertura esportiva de *A Gazeta*. Descendente de imigrantes italianos e ex-atleta de futebol de várzea, já tinha se aventurado antes de chegar ao *A Gazeta* ao ter o seu próprio jornal, o *São Paulo Esportivo* (RIBEIRO, 2012). Assim como ocorria com outros autores do *JS*, participava também de programas esportivos no rádio, como, por exemplo, a *Rádio Cruzeiro do Sul* (RIBEIRO, 2012). E em *O Globo*, atuou na década de 1940, como também ocorreu com vários dos cronistas e repórteres que atuariam posteriormente no *JS*. Nos parece bem claro que o elo de ligação tenha sido também o jornalista Mário Filho.

Sua participação no *JS* tem mais a ver com a ampliação do campo da imprensa esportiva do que propriamente uma tentativa de rivalizar com o jornalismo do Rio de Janeiro, como, por vezes ocorria nos textos dos seus colegas. Fazia uma crítica severa ao clubismo, pelo menos do ponto de vista dos interesses dos clubes estarem acima do esporte nacional, da seleção brasileira de futebol ou da organização das competições. Sobre a seleção de futebol, inclusive, era um defensor incansável e raramente no *JS* escrevia algo sobre um esporte diferente. Possuía uma visão bem conservadora do campo esportivo e, daí, surgiam polêmicas bem interessantes, como a que travara com o colunista Albert Laurence, defendendo que certas seleções nunca iriam evoluir do ponto de vista da técnica e da tática empreendidas em campo ou mesmo em outras modalidades esportivas (MAZZONI, 29/11/1952, p. 5 e 8).

²⁶ Uma das crônicas que vai na direção da defesa dos demais esportes em comparação ao futebol é a publicada no dia 24 de novembro de 1956, sobre a boa atuação do basquetebol nos Jogos Olímpicos de 1956 em Melbourne, Austrália. O futebol, no entanto, para o autor, apesar de muita badalação por parte da imprensa e dos cronistas, não trazia grandes resultados para o povo brasileiro (NASCIMENTO, 24/11/1956, p. 10).

Além das polêmicas, o que aproximava bastante os textos de *Olympicus* à linha editorial do *JS* e dos textos de Mário Filho, era a ideia bem vaga de uma leitura tradicional do futebol, uma tentativa de (re)construir uma história brasileira deste esporte, ao mesmo tempo em que defendia e visualizava um projeto de modernidade nacional.

Finalmente, poderemos apontar nosso último grupo, o das mulheres que atuavam no jornal e que se destacavam como cronistas, cada uma com o seu respectivo estilo narrativo.

4. As cronistas do *JS*

O *JS* era um jornal tipicamente masculino, voltado para o público leitor formado por homens, como inclusive podemos observar na sensualidade feminina exposta pelas peças teatrais logo na página 2, além dos serviços e produtos que eram oferecidos nas propagandas.²⁷ Com a possível estratégia de alcançar um público feminino, o jornal publicara a coluna “Notas Femininas”, com informações sobre limpeza dos utensílios domésticos, dos móveis e da própria casa, além de dicas de beleza e orientações sobre a moral familiar e dos bons costumes e comportamentos sociais (COUTO, 2016, p. 185-186). Não por acaso, a coluna por vezes não era publicada, em função da necessidade do jornal ter mais espaços, seja para publicidade, seja para a cobertura dos fatos jornalísticos.²⁸ Ou seja, além da visão conservadora e moralista, retrato da sociedade brasileira dos anos 1950, a presença feminina no jornal certamente não era uma prioridade.

Desta forma, neste mundo bem masculino, analisamos duas cronistas esportivas no *JS* que atuaram ao longo da década de 1950: Inah de Moraes e Florita Costa. Ambas tinham algo a mais em comum do que atuarem no mesmo periódico: tinham vínculos muito próximos com as práticas esportivas na cidade do Rio de Janeiro, como veremos adiante.

Inah de Moraes assinava duas colunas (“Rondó dos Cavalões”) sobre turfe: no *JS* e em *O Dia*. Dona de haras e casada com o jornalista e poeta Prudente de Moraes Neto (da família do ex-presidente Prudente de Moraes), utilizava sua coluna para realizar denúncias ou campanhas em favor dos proprietários de haras, donos de cavalos ou ainda para realizar a defesa de algum funcionário do Jockey Club que estivesse passando por algum problema ou situação constrangedora.²⁹ Seu discurso em defesa do esporte hípico passara necessariamente pela “compra de uma briga”, ou na linha editorial que já explicamos, pelo denunciamento.

Como exemplo desta estratégia narrativa, temos a crônica abaixo:

²⁷ Como, por exemplo, roupas, objetos, produtos e serviços masculinos.

²⁸ Um exemplo disso era a edição n.º 5.406, de 6 de abril de 1947, quando o jornal informava que: “Devido à absoluta falta de espaço que nos assoberba na presente edição, deixamos de divulgar hoje a seção ‘Nota femininas’, o que faremos, excepcionalmente, na próxima terça-feira.” P. 4. Tal fato muito semelhante, porém, ocorreria em várias outras edições.

²⁹ Prudente de Moraes Neto também era conhecido como Pedro Dantas (COUTO, 2016, p. 183).

O caso gravíssimo do Freitas e do Curupay, contra todas as expectativas parece que vai morrer sem que nada de maior aconteça, sem que nenhuma resolução enérgica tenha sido tomada sobre o mesmo. E, por incrível que pareça, até presente momento o único que pagou o pato, o único que está sofrendo as consequências, e injustamente, como vamos procurar mostrar, é o tratador do cavalo Nelson Pires. O tratador que nunca esteve no brinquedo e que foi quem deu o grito de alerta, este até agora é o único sacrificado. (...)

(...) No dia da corrida, (...), não havia, como de costume, ninguém ali no Serviço de Repressão nem naqueles boxes lá do fundo, a não ser os cavalos com seus respectivos cavaleiros, pois nessa hora, todos os veterinários e empregados vão pra cerca ver a corrida. Aquilo lá fica inteiramente abandonado. Ninguém para fiscalizar os animais. Nesse momento quem quiser pode dar o que quiser para os cavalos, que ninguém vê, e ninguém sabe.

Se é assim pra que, então, essa fita, essa encenação toda dos bichos terem que chegar no prado duas horas antes do pareo para ficar sob a proteção do Serviço de Repressão ao Dopping? Pra que? Se fiscalização e guarda são coisas que não existem, como todos nós sabemos. (...) (MORAES, 14/07/1951, p. 9)

Aqui, como já relatamos, utilizava uma denúncia para apresentar ao leitor um apelo pela organização e disciplinarização do esporte hípico, cobrando das autoridades esportivas as providências cabíveis neste caso de dopagem dos animais envolvidos no evento. Para tanto, sua narrativa tratava de uma história policialesca com suspeitos, inocentes e autoridades ocupando espaços nas linhas do jornal, e tentando adquirir uma relação de cumplicidade vigilante com os seus leitores.

Obviamente, Inah estava cuidado dos interesses de sua própria classe (proprietária dos animais e de espaços como haras que ela mantinha em Itaipava, região serrana do estado do Rio de Janeiro), mas fazia de uma forma polêmica, ruidosa, por vezes bem humorada e chamativa. Apesar de escrever de forma periódica no jornal, sua coluna ocupava espaços menos privilegiados do mesmo, como a página 9 por exemplo, bem diferente de outros cronistas, que lidavam com futebol e outros esportes.

Desenvolvia em suas crônicas um discurso com expressões mais populares, tentando atingir um público apostador e interessado no turfe carioca e mantendo uma relação mais próxima e pessoal com os aficionados pelos esportes de forma geral.

Enquanto Inah tratava em suas colunas dos esportes equestres, Florita Costa escrevia sobre outra prática esportiva: o futebol, mais especificamente sobre o seu clube predileto, que era o Flamengo. Casada com um importante nome do futebol, Flávio Costa, ex-atleta deste esporte e destaque na ocupação de treinador, tendo atuado entre as décadas de 1950 em clubes como o Vasco da Gama e o Flamengo, além da própria seleção brasileira (inclusive na Copa do Mundo FIFA de 1950).

Florita mantinha em sua coluna principal uma verdadeira idolatria pelo trabalho do marido, que só não era maior do que a defesa das cores do Flamengo, inclusive nos momentos em que Flávio não estava por lá. Pela proximidade com o clube, tanto na área social como na esportiva, fora convidada por Mário Filho a escrever inicialmente uma coluna sobre o dia a dia do clube rubro negro, conforme já apresentamos anteriormente neste

artigo. Era o “Diário do Flamengo”, espaço já existente desde os anos 1930, assim como os dos demais principais clubes cariocas, e que em 1945 passara a ter uma mulher como autora. Tal fato revela uma relação privilegiada de Florita no universo do futebol, assim como o reconhecimento de sua atuação no mesmo.

Discutia desde os assuntos sociais e festivos do clube como as informações do meio futebolístico, as contratações, excursões, jogos e torneios a disputar. A partir de 1947, tornara-se autora da coluna “O meu comentário”, ganhando espaço autoral e ainda mais subjetivo no *JS* do que na coluna anterior. De acordo com Couto: “(...)Tornara seus textos cada vez mais apaixonados pelo clube do coração e exercitara sua verve emotiva e subjetiva agora com cada vez mais liberdade porque ficara ‘livre’ das informações sociais mais objetivas, pontuais e eventuais.” (COUTO, 2016, p. 187).

Em várias ocasiões extrapolava os limites da paixão pelo clube rubro negro ao celebrar a visita de personalidades importantes ao Rio de Janeiro como, por exemplo, no caso de Dorival Caymmi, fato que já era motivo, para esta cronista, de torná-lo o mais novo flamenguista da música popular brasileira (COSTA, 5/01/1952, p. 4).³⁰ Em outros textos, dialogava de forma irônica ou bem firme com seus colegas de *JS* e de outros jornais cariocas, na defesa do Flamengo ou do trabalho de Flávio Costa.³¹ Tratava as críticas como má vontade com os dois ou ainda com a falta de responsabilidade e isenção de cronistas que usavam a crítica como forma de demonstrar a rivalidade clubística entre os jornalistas.

Tanto Inah quanto Florita souberam utilizar sua rede de relacionamentos sociais e profissionais para se manter em um ambiente avesso às mulheres como protagonistas, um mundo da crônica esportiva que assim como a própria imprensa tinha poucas oportunidades para as autoras.

Conclusões possíveis

A partir da análise das crônicas do *JS* foi possível conhecer vários autores(as) relevantes que desenvolveram o próprio gênero híbrido no Rio de Janeiro dos anos 1950. Temos, então, a oportunidade de concluir pelo menos três questões fundamentais com este trabalho.

A primeira consideração que podemos refletir é a sugestão de uma classificação de estilos discursivos e narrativos no interior do jornal, o que deriva a divisão de pelo menos quatro grupos de cronistas, estudados e

³⁰ Nesta crônica Florita cita o apoio de Ary Barroso nesta empreitada de convencimento de Dorival Caymmi, além de apresentar uma constelação de estrelas da música, todos(as) flamenguistas.

³¹ De acordo com Mário Filho, Florita Costa era tão apaixonada pelo Flamengo, que fora responsável pela demissão de Flávio Costa no Vasco da Gama, mesmo depois de ter conquistado o bicampeonato carioca em 1949/1950. Ela acusara os vascaínos de não terem votado em seu marido nas eleições para vereador do Rio de Janeiro em outubro de 1950 (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 295-296). Mesmo que levemos em conta os exageros fictícios presentes na obra de Mário Filho, a ideia parece ser ao menos verossímil se compararmos com os textos defensivos de Florita no *JS*.

apresentados neste artigo: os cronistas literatos e eruditos, os jornalistas de plantão, os polemistas e as mulheres autoras. Como toda taxonomia, a nossa também possui os seus limites, tendo em vista as escolhas que foram realizadas, autores que ficaram de fora da análise e a dificuldade de todo e qualquer ordenamento de ideias e discursos tão subjetivos e ímpares. Ainda assim, é possível perceber as semelhanças entre determinados autores de acordo com os parâmetros utilizados.

Obviamente, é possível que os limites entre os autores são sejam pétreos. Álvaro do Nascimento ou “Zé de São Januário”, por exemplo, se encaixaria também no campo dos “jornalistas de plantão”, mas sua posição de colunista e sua verve literária polêmica o faz ficar mais nítido no grupo dos “polemistas”. Florita Costa, por sua vez, poderia abandonar o grupo “feminino” e ser inserida no grupo dos “polemistas”. Poderíamos até pensar porque devemos criar esta divisão de mulheres cronistas. Todavia, por acreditarmos no quanto era raro a presença feminina neste jornal como cronista esportiva, achamos que era relevante separar uma categoria feminina e específica de atuação autoral.

Desta forma, as características discursivas destes autores estavam diretamente relacionadas com as suas respectivas histórias, com o seu desenvolvimento pessoal, profissional e social, com as suas redes de relacionamentos e com suas perspectivas de se manterem como cronistas de um jornal que cada vez mais contava com um número significativo de autores/cronistas/colaboradores.

A segunda questão deriva da primeira: se o jornal tinha grandes linhas editoriais, perpassando a defesa do clubismo e a prática do denunciamento como elementos de identidade empresarial e estratégias de marketing e que eram espraiadas pelas crônicas, percebe-se um alto grau de autonomia entre estes autores; diferindo apenas a escala de independência editorial de acordo com o tempo de atuação no *JS* e a importância do cronista para o jornal. Autonomia, inclusive, refletida nos embates textuais entre estes autores, diante de um fato, questão ou causa relacionada a um evento esportivo. Desta forma, os autores tinham grande capacidade subjetiva de criação e imaginação, podendo explorar no limite as paixões e emoções que o esporte poderia oferecer como fontes de suas histórias. Dialogavam com seus leitores as representações possíveis tanto da leitura do campo esportivo, mas também debatendo/criando as idiossincrasias culturais, sociais e urbanas do Rio de Janeiro e que eram reproduzidas muitas das vezes como se fossem nacionais.

Finalmente, e não menos importante, é importante pensar o estudo e análise destas crônicas e de seus respectivos cronistas como fontes de refutação de mitos históricos na imprensa esportiva nacional. É evidente que a representação monolítica de Mário Filho como fundador de um estilo único de noticiar o esporte carece de base empírica e de uma não leitura do cronismo esportivo dos anos 1940 e 1950.

O “mito fundador” de uma pseudo imprensa esportiva ou ainda de uma forma específica e moderna de cobrir os esportes no Brasil deve ser repensado até porque cairíamos no grave engodo de acreditar que um movimento social rico e representativo da imprensa nacional, como foi o desenvolvimento da crônica neste período, se limitaria ao pensamento único

e exclusivo de um indivíduo. Ao desamarrar estas correntes lendárias, podemos valorizar ainda mais o papel de Mário Filho como editor e proprietário do jornal, ao entender que uma de suas façanhas fora selecionar uma equipe plural, heterogênea e talentosa nesta função específica: a de olhar o esporte sob pontos de vistas bem pessoais, subjetivos e diversos.

Referências Bibliográficas

ANSART, Pierre. *La gestion des passions politiques*. Lausanne: L' Age d'homme, 1983.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CAMARGO, Laura Alice Rinaldi e SILVA, Marcos Ruiz. Os clubes sociais e recreativos e o processo civilizatório brasileiro: uma relação de hábitos e costumes. In: *XI Simposio Internacional Proceso Civilizador*. Buenos Aires.

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

COSTA, Florita. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.859, 5 de janeiro de 1952. P. 4. Coluna “O Meu Comentário”.

COUTINHO, Edilberto. *Zélines, Flamengo até morrer*. Rio de Janeiro: s.e., 1995.

COUTO, André Alexandre Guimarães. *A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)*. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social.

COUTO, André Alexandre Guimarães. *Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)*. Curitiba: UFPR, 2016. Tese de Doutorado em História.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EdUSP, 2005.

HEIZER, Teixeira. *O Jogo Bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997. Edição atualizada 2001. P. 82.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1960. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIA, João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique de e

MELO, Victor Andrade de. *A Torcida Brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LEOPOLDI, Maria Antonieta P. O difícil caminho do meio: Estado, burguesia e industrialização no segundo governo Vargas (1951-1954). In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Vargas e a Crise dos Anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

LOPES, Everardo. Uma advertência sublinhada a lápis vermelho; Curiosa viagem de Papai Noel. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.157, 24 de dezembro de 1952. P. 5.

MACHADO, João. Novas praças de desportos. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.698, 28 de junho de 1951. P. 5. Coluna Às quintas-feiras.

MACHADO, João. Grêmio Esportivo Vital. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.893, 13 de fevereiro de 1952. P. 5. Coluna Às quintas-feiras.

MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). “Grandes” e “Pequenos” serão sempre “Grandes” e “Pequenos”. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.135, 29 de novembro de 1952. P. 5 e 8.

MELLO, João Manuel Cardoso de e NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da Vida Privada no Brasil*. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MORAES, Inah de. Idéia do Tomazinho... In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.697, 27 de junho de 1951. P. 9. Coluna Rondó dos Cavalões.

MORAES, Inah de. O Caso de Curupay. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.712, 14 de julho de 1951. P. 9.

MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.035, 3 de agosto de 1952. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.037, 6 de agosto de 1952. P. 4. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.358, 24 de novembro de 1956. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

OLINTO, Antonio. Obra-prima de um povo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.408, 14 de julho de 1950. P. 5.

OLINTO, Antonio. Função da Crítica. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.054, 26 de agosto de 1952. P. 2.

REGO, José Lins do. Não precisamos de Conselhos. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.724, 28 de julho de 1951. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo – histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES, Mário Júlio. A grande dúvida. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.824, 10 de junho de 1958. P. 5.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SILVA, Geraldo Romualdo da. O que mais importa é competir. Democracia, Comunismo e Racismo nas Olimpíadas. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.020, 17 de julho de 1952. P. 5.

VARGAS NETTO, Manoel. Elegância e Entusiasmo. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6391, 24 de junho de 1950. P. 9. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

VARGAS NETTO, Manoel. Minas T. C. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.040, 9 de março de 1952. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

VAZ, Marcelo. Para quem torcem os nossos cronistas. *In: Placar*. São Paulo, n.º 645, 1º de outubro de 1982.

Recebido em 31 de janeiro de 2019

Aprovado em 30 de abril de 2019